

TECER ESPAÇOS, BORDAR ENCONTROS: oficinas de artes têxteis e a criação de lugares de diálogo

PORTO, Julia Petiz⁶⁰

SILVA, Ursula Rosa da⁶¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar minha pesquisa de especialização em Artes, denominada *BORDAR E FOFOCAR: oficinas de artes têxteis e a criação de lugares de cultivo feminista*, na qual analiso oficinas de bordado, propostas por mim, explorando sua potência de gerar lugares próprios ao encontro, que propiciem a troca de saberes e vivências entre as participantes. Nessas oficinas, além de compartilhar minha pesquisa sobre as artes têxteis realizada no Programa de Pós Graduação em Artes da UFPel e ensinar pontos de bordado livre, costura à mão e ponto cruz, utilizo estratégias das pedagogias feministas para criar lugares acolhedores para o diálogo, a voltando a atenção sobre as próprias experiências para refletir sobre elas e acolher a fala da outra. Assim, podemos dialogar abertamente sobre os feminismos, estereótipos de gênero e suas violências. A partir da expressão artística, as oficinas oferecem um caminho possível para analisar essas realidades e tecer outras formas de se relacionar com o mundo. Relaciono as minhas experiências como proponente com as reflexões sobre o conceito de lugar de Canton (2009) e as pedagogias feministas de hooks (2013) e Sardenberg (2011).

Palavras-chave Pedagogias Feministas; Oficinas; Artes têxteis; Bordado.

Introdução

Utilizo, em minha prática artística, o bordado e a costura à mão como línguas expressivas e geradoras de sentidos. Esses fazeres manuais me acompanham desde a infância, tendo sido aprendido ao observar as mulheres de minha família.

Trago essas linguagens apropriadas do meu cotidiano, presentes na casa em que cresci e em seus objetos, para meu processo criativo como forma de colocar em discussão o feminino, vivências íntimas e memórias.

No Ocidente, as artes da agulha estão associadas ao feminino desde a separação entre grandes artes e artes menores, teorizada pelos pensadores

⁶⁰ Universidade Federal de Pelotas

⁶¹ Universidade Federal de Pelotas

renascentistas, que coloca estes fazeres milenares com posição inferior à outras formas de expressão, como a pintura, a escultura e o desenho. Desde os anos 70, muitas artistas feministas retomam essa prática de modo a denunciar a desigualdade de gênero presente no meio artístico.

Em minha experiência enquanto artista e pesquisadora, percebo que as linguagens têxteis ainda ocupam uma posição desprivilegiada no senso comum em relação à outras linguagens, muitas vezes não sendo reconhecidas como formas possíveis de arte. Penso em minha prática como artista e pesquisadora, então, como um pequeno ponto que compõe o esforço de diversas mulheres empenhadas em marcar o lugar do têxtil na arte contemporânea.

Em algumas de minhas obras, proponho ao público uma interatividade à partir dos objetos criados. Começo a pensar a criação de obras-pontos-de-contato em *Avesso*, uma instalação composta por almofadas de formatos arredondados dispostas em círculo, ocupando o centro do cômodo onde o trabalho foi exposto, na exposição [In]cômodos, no Casarão 6, em Pelotas, no ano de 2017 (Figura 1).

A obra cria um lugar de pausa e permanência no meio da exposição, capaz de gerar encontros e conversas. Com um pensamento semelhante, Na série *Células*, crio grandes almofadas de diferentes materialidades que convidam para uma experimentação corpo a corpo junto à obra e trabalham o conceito de lugar.

Quando ativados pelo contato com outro corpo, esses trabalhos modificam os locais onde se inserem, mudando a relação do espectador/participante com o espaço. O contato com as obras cria, dentro do espaço, um lugar: uma zona que se relaciona ao corpo através da percepção como algo particular (TUAN, 1983).

Canton (2009) diferencia o espaço do lugar, definindo o lugar como algo mais específico que o espaço: o lugar é um espaço particular, preenchido por experiências, percepções próprias, memórias.

A interação com os trabalhos – manusear, mexer, fuxicar, descobrir através do tato – pode proporcionar ao espectador/participante a habitar onde o tempo é mais lento: o tempo espesso da atenção plena que experimento ao bordar.



Figura 1. Averso. Julia Pema. Arquivo da autora. 2017.

Operando a conversão de espaço em lugar, crio a instalação *Sala de Estar*, junto com Renan Soares, que transforma um longo corredor do espaço expositivo em um lugar de permanência e convivência. Na instalação, dispomos diversos materiais de costura e bordado sobre mesas, acompanhadas de bancos e almofadas, para acolher o público, convidado a experimentar com os materiais e deixar um bordado, que é incorporado na exposição.



Figura 2. Registro da obra *Sala de Estar*, exposta na galeria *Corredor 14*. Arquivo da autora. 2021

Na feitura deste trabalho, trocando com aqueles que o habitaram, percebo que o bordado e a costura têm a potência de aproximar pessoas como une tecidos, linhas, botões, pérolas, aviamentos... Pude perceber que são práticas que fundam uma atmosfera acolhedora, aconchegante, íntima, ativadora de múltiplos sentidos e geradoras de encontros. Essa reflexão sobre a criação de lugares de permanência e contato suscitada pela minha prática artística inspira a criação da oficina *Bordado e Fofoca*, ofertada por mim de maneira virtual quatro vezes durante o ano de 2021, que foi o tema da minha monografia do curso de Especialização em Artes da UFPel, apresentada neste artigo.

Oficinas de Bordado e Fofoca

As oficinas, realizadas virtualmente durante o período de isolamento social imposto pela pandemia do vírus *Covid-19*, criaram encontros que acolheram as vivências das participantes e proporcionaram uma experiência de arte e a imersão em um processo criativo.

Nesses encontros, brotava a possibilidade de discutir acerca das formas de opressão de gênero enfrentadas cotidianamente, acerca dos feminismos e das várias formas de ser mulher, aprofundando entre as participantes a consciência “sobre a

ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-la e, assim, atuarem de modo a construir a equidade entre os sexos” (SARDENBERG, 2011, p. 20).

O nome Bordado e Fofoca dialoga com a história da palavra *gossip*, que se traduz do inglês para fofoca, desvelada pela autora Silvia Federici. Ela conta que essa palavra surge na Inglaterra para descrever relações íntimas entre mulheres e significava algo como amiga, mas ao longo do tempo, no período conhecido como caça às bruxas, a palavra vai adquirindo o significado de conversa improdutiva e maledicente que conhecemos hoje.

Incorporo a palavra Fofoca no nome da oficina porque tenho a intenção de fazer delas ser um espaço de acolhimento e diálogo em que as participantes possam compartilhar os seus saberes e experiências e aprender umas com as outras. Procuo estabelecer uma relação menos hierárquica e mais horizontal com as participantes, criando uma rede de afeto e apoio na qual todas se sintam confortáveis a partilhar um momento de criação e experimentação em conjunto. A minha preocupação não é com ensinar a executar um bordado perfeito, mas partilhar o entusiasmo que sinto em relação ao bordado e a costura, e, utilizar essa linguagem para levantar questões de gênero, de acordo com hooks (2013):

Não exigia somente que se cruzassem as fronteiras estabelecidas; não seria possível gerar o entusiasmo sem reconhecer plenamente que as práticas didáticas não poderiam ser regidas por um esquema fixo e absoluto. Os alunos teriam que ser vistos de acordo com suas particularidades individuais [...], e a interação com eles teria que acompanhar suas necessidades [...] (HOOKS, 2013, p. 17).

Dessa forma, cada oficina foi única, mesmo partindo da mesma pesquisa. Variava de acordo com as participantes presentes, sendo um fruto do nosso estar juntas ali naquele momento:

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros (HOOKS, 2013, p. 17).

A forma de ensino/aprendizagem descentralizada da figura do(a) professor(a) que utilizo propõe alternativas às hierarquias tradicionais à educação é característica das chamadas “pedagogias feministas”, metodologias político-pedagógicas voltadas para uma educação libertadora inspiradas pelas leituras de Paulo Freire e bell hooks “marcadamente pela crítica que fazem às questões relacionadas ao poder e ao controle” (CERDERA, 2018, p. 12). Fala-se sobre pedagogias feministas, no plural, pois cada educadora inventa e adapta estratégias à partir da sua experiência, sem seguir rigidamente uma receita (CERDERA, 2018). Essas formas de educar questionam a neutralidade do conhecimento e das formas de ensinar e, segundo Sardenberg (2011):

[...] enfatizam as estruturas sociais e os sistemas de opressão □ o capitalismo, o racismo e o patriarcado, em particular – e sua influência no processo de aprendizado, na produção de conhecimentos, na formulação de currículos e de quem determina o que conta como conhecimento “oficial” (SARDENBERG, 2011, p. 22).

Outra estratégia comum às pedagogias feministas que utilizo nas oficinas é a valorização da vivência pessoal e de sua partilha como recurso de aprendizagem, colocando a experiência vivida em pé de igualdade com os saberes acadêmicos. Essa prática de tramar saberes através da partilha, bastante comum nos coletivos de mulheres feministas desde os anos 60, seguindo o mote “o pessoal é político”, é apropriado pelas educadoras feministas em suas maneiras de ensinar/aprender:

De fato, esse processo de socialização das experiências tem permitido às mulheres constatar que os problemas que vivenciam no seu cotidiano enquanto indivíduos têm raízes sociais e requerem, portanto, soluções coletivas. Daí o porquê da afirmativa “o pessoal é político” como retórica fundamental do feminismo contemporâneo, porque implica a perspectiva de que a separação entre a esfera privada (vida familiar e pessoal) e a esfera pública é apenas aparente, questionando, também, uma concepção do político, tradicionalmente limitado à descrição das relações dentro da esfera pública, tidas, até então, supostamente, como diferentes, em conteúdo e teor, das relações e interações na vida familiar, na vida “privada”. Na perspectiva de gênero feminista, essas diferenças são apenas ilusórias, pois a dinâmica do poder existe nas duas esferas. As relações interpessoais e familiares são também relações sociais e de

poder entre os sexos e gerações. Elas não são “naturais”, mas, socialmente construídas e, portanto, historicamente determinadas e passíveis de transformação (SARDENBERG, 2011, p. 22).

A partilha de experiências pessoais também é apontada pela autora como importante estratégia “para a criação de condições nas quais as mulheres possam ter voz, possam se ver como produtoras de conhecimento e apreciar sua experiência de aprendizado enquanto mulheres.” (Idem, 2011, p. 25), agindo no fortalecimento da autoestima e gerando processos de autoconhecimento.

Nos três encontros virtuais me deparei com mulheres também cansadas e sobrecarregadas: faltava-nos um lugar para desabafar, para compartilhar experiências, para acolher as dores umas das outras e nutrir utopias:

Sempre considero uma circunstância privilegiada poder conversar com interlocutores reais, em cujas problemáticas nos dá vontade de mergulhar. É algo da natureza dos processos, nos quais o que se produz não é uma repetição de ideias e sim uma vontade de criar, de mudar a ordem do pensamento, mudar os afetos e – por que não? – mudar a realidade social que nos cerca. (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 360 – 361).

No ouvir e ser ouvida, cria-se uma cumplicidade muito amiga da experimentação: não há vergonha em errar, perguntar, não entender, entender errado, não escutar, pedir para repetir, fazer de novo. As oficinas se mostram espaços seguros e acolhedores para as discussões de gênero, utilizando processos criativos e lúdicos como pontes para que possamos pensar juntas; sem respostas prontas; contar histórias e protagonizar uma prática feminista que trama muitas outras formas de ser mulher que abraçam a multiplicidade. Os encontros para bordar e focar se tornam, entre um ponto e outro, lugares de solidariedade e cuidado para que as participantes discutam questões sobre o impacto da opressão de gênero em suas vidas e o apagamento das histórias das mulheres da história tradicional, podendo despertar questões até então adormecidas e gerar processos de autoconsciência e reflexão.

Considerações finais

As oficinas foram uma forma que encontrei de socializar as discussões sobre arte e feminismo que acontecem na academia, fazendo-as chegarem a um público mais diverso e relacionando-as com as vivências das participantes e abraçando o “[...] entendimento da coletividade como fator crucial da agregação, manutenção e atuação política.” (COSTA, 2019). Moldam-se pelo contato, pelas pautas de cada grupo que se forma:

Não se resiste sozinha à colonialidade do gênero. Resiste-se a ela desde dentro, de uma forma de compreender o mundo e de viver nele que é compartilhada e que pode compreender os atos de alguém, permitindo assim o reconhecimento. Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão práticas, valores, crenças, ontologias, tempo-espacos e cosmologias vividas constituem uma pessoa (LUGONES, 2014, p. 949).

Foi muito interessante e prazeroso propor um fazer artístico para pessoas de outras áreas (tive participantes, por exemplo, dos cursos de psicologia, biologia, geografia, publicidade, engenharia, dentre outros), conversando com essas pessoas e desconstruindo a ideia de que fazer arte tem a ver com talento ou dom, que essa arte precisa ser feita através de suportes tradicionais, de que precisa ser figurativa e naturalista e do que é um bom bordado: sem erros, seguindo um “risco”, com pontos iguais e regulares, decorativo, com o avesso perfeito.

Durante as oficinas, o conteúdo de minha pesquisa que se refere à história das artes têxteis e sua relação com o feminino e aos papéis de gênero é apresentado de maneira muito mais acessível do que, por exemplo, num artigo ou apresentação de trabalho em um seminário, que costumam atingir um público muito mais especializado.

As oficinas iniciam uma reflexão sobre as opressões e estereótipos de gênero, bem como apresentam as artes têxteis como linguagem potente para criação artística e subversão de padrões pré-estabelecidos de feminilidade e do que é ou não é arte. Esses são assuntos vastos e complexos que apenas um encontro não é capaz de dar conta, mas pode gerar curiosidade para seguir tramando novas tramas.

Referências

BLANCA, Rosa. “El Bordado en lo Cotidiano y en el Arte Contemporáneo: ¿Práctica Emergente o Tradicional?”. **Revista Feminismos**, Salvador, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM da Universidade Federal da Bahia, v. 2, n. 3 p. 19-30, set/dez. 2014.

CANTON, Katia. Espaço e Lugar. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção temas da arte contemporânea)

CERDERA, Cristiane Pereira. “History” ou “herstory”? – Repensando a escola através de práticas pedagógicas feministas. *In*: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS. V, 2018, Londrina. **Anais eletrônicos**...Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1232>. Acesso em 8 de outubro de 2021.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34. 2017.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. de Coletivo Sycorax, São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Traduzido por Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FEDERICI, Silvia. Pandemia, reprodução e comuns. **Outras Palavras**, 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/pandemia-reproducao-e-comuns/>>. Acesso em: 05 de setembro de 2021.

FOGAÇA, Pâmela; PORTO, Júlia Petiz. Relatos e Reflexões sobre oficinas como disparadoras de processos coletivos e poéticas feministas. **Anais do 30º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas: (Re)existências**. Campinas: ANPAP, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 60. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *In*: **Revista Estudos feministas**. Florianópolis: vol. 22, nº 3, set. /dez., p. 935-952, 2014. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em 25/10/2021.

MIRANDA, Maria Brígida de. Colcha de Memórias: Epistemologias Feministas nos Estudos das Artes da Cena. **Urdimento**, Florianópolis, v.3, n.33, p. 231-248, dez. 2018.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A Modo de Comentario Inicial. *In*: **Pedagogias Decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Catherine Walsh (org). Ediciones Abya-Yala, Quito-Ecuador, noviembre, 2013. p.11-13.

ROLNIK, Suely. O saber-do-corpo nas práticas curatoriais Driblando o inconsciente colonial-capitalístico. *In: Curadoria em artes visuais: um panorama histórico e prospectivo* / organização Fernanda Albuquerque e Gabriela Motta. São Paulo: Santander Cultural, 2017. p 47-76

SARDENBERG, Cecília M. B. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS ÀS PEDAGOGIAS FEMINISTAS. *In: COSTA, Ana Alice Alcantara; TEXEIRA, Alexnaldo; VANIN, Iole Macedo.(orgs). Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais*. Salvador : UFBA - NEIM, 2011.247 p.

SOUSA, Juliana Padilha. **Tramas invisíveis: bordado e a memória do feminino no processo criativo**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências das Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2019.

WALSH, Catherine. Lo Pedagógico y lo Decolonial: Entretejiendo caminos. *In: Pedagogias Decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Catherine Walsh (org). Ediciones Abya-Yala, Quito-Ecuador, noviembre, 2013. p.23-68.